



O ESPOZENDENSE

Semanário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm. e propriet — José da Silva Vieira. — Editores: José da Silva Vieira Júnior. — Comp. e impressão: Typ. Espozendense — Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Notícias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Um poeta torturado

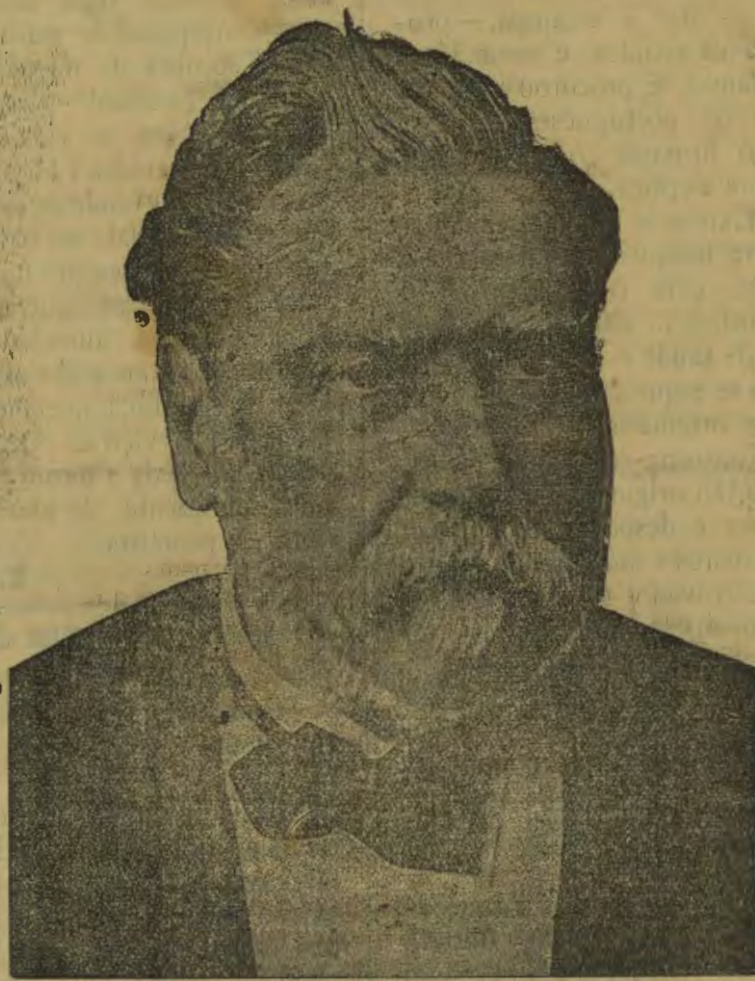
Nos primeiros tempos da minha mocidade, — deslisava nos vinte annos, — quando as illusões me acariciavam sonhos que só a tenacidade podia transpôr como se fôsse barreira inexpugnável de escabrosa montanha, e que embora a vencesse a golpes de audacia que nunca me foi compensada, nem me sorriu com as recompensas apetecidas na lide constante da vida; a carreira das letras foi o meu bergantim doirado, onde nêle me baloicei em locubrações sedentas de horisontes de luz, de instrução e de poesia.

Deslisava como bambino em loira seara, onde colhia grão a grão a mêsse que fui amealhando e publicando — mesmo compondo e imprimindo — até formar monte que abria clareiras incandescentes na história e na literatura da típica praia que é a Povoá de Varzim — minha terra natal. E á minha volta, admirados de tão ingrata empresa e satisfeitos de tão inédita tentativa, só ao tempo cultivada por alguns escritores que pelos povoeses eram evocados de longe, — formou-se um escol de homens de lêtras locais que na tertúlia que me formaram encontrou o baluarte das suas dignas produções literarias e historicas.

Nomes de distincção em vários ramos de actividade, me honraram com desvanecimento, não só com as suas mais elevadas estimas, como tambem com as suas fidalgas visitas.

Os mais irrequietos, eram rapazes novos, sonhadores de illusões, galhardos e entusiastas, vieram açodados ao terreiro, com os seus mais apurados estudos de principiantes, e, como bairristas que eram, apresentaram-nos como venêra um velho ancião, que pela sua avançada idade, vergava ao pêso de inclementes invernos, arrimado a um bordão,

ACTUALIDADES



António Rodrigues Sampaio



Escolas Rodrigues Sampaio, desia vila

Um poeta torturado

que era o companheiro inseparável a quem se emparava pelas poeirentas vermas das estradas que conduziam á sua aldeia — *Aver-o-Mar*.

Chamava-se o trovador Bernardino da Ponte. Usava uma farta barba á Tolstoi; e para encher-me a alma do seu éstro parnasião filosofava-me, expressando-se bem e claro junto ao meu rôsto, roçando os seus cabelos brancos pela minha face de novato.

Bernardino da Ponte seria um cultor nos grandes centros; mas naquele acanhado meio, não passava apenas de um pobre homem letrado e nada mais. — Contudo, orgulhava-se da conterraneidade e visinhança da tebaida de Gomes de Amorim, o cantor máximo da Povoá e das cachoeiras do Amazonas, nos seus «Cantos Matutinos», por onde vivêra o melhor do seu tempo.

Não era porque não brilhassem os seus carmes, que eram ricos de conceito, metrificadas com conhecimento técnico e étnico, por vezes de superioridade poética, que mal cabiam dentro daquêles muros, — mas devido á impetuosidade do seu arrebatamento, um tanto forte e impulsivo, que contundia na fôrma expressiva e rasgadamente humana como palestrava...

Era aqui, nêste ponto, onde partia todo o valor da sua fecunda intelligência, trabalhada pelas caminhadas de um verdadeiro poeta errante, do concelho á sua aldeia, e da sua aldeia ao concelho, que seu cérebro, duramente caldeado pelas vergastadas das brisas do mar e dos temporais, fizêra dêle um solitário, e concomitante, um baluarte contra as arremetidas da vida.

Tido por homem de letras; era temido pelos mais experimentados jornalistas locais. — Mas, por mim, Bernardino da

Ponte, quer de uma maneira quer de outra, foi respeitado sempre, pela sua avançada idade —passante dos 70—considerando muito as suas qualidades de filósofo e de poeta, não fiz disparidades de conceito, porque todos os seus conceitos tinham a oportunidade própria.

Porém, o vulgo, não o compreendia assim.

—Porquê?...

Por uma simples razão:

Os restos da antiga civilização poveira—vá na frase contundente de Bernardino da Ponte,—não concebia a miséria em que elle vivia—pobre poeta, como todos os poetas!—compartilhada no aconchego familiar dos seus filhos.

Mas o vate feito farrapo de vida, pela circunstancia fatal do destino, que na saudade nostalgica da sua aldeiasinha foi procurar o lenitivo para os padecimentos, antes morais, do que físicos, conquistados pelas terras do Brazil, aonde fôra, mais para a sombra das bananeiras do que para abanar a célebre arvore das patacas, que se lhe estiolou e definhou, pelas constantes frequências aos Parthenons, ria-se das convenções do mundo, quando lhe falavam nas concepções da vida...

Eram os embates das vagas que elle ouvia quebrarem-se de encontro aos rochedos das praias, quando os elementos teem electrizações antagónicas, de batalhas verdadeiramente destroçantes.

E pelo meu pensamento deslizavam as suas palavras que se me impunham ao respeito, que, profundamente cedia ás extensivas liberdades de pensamento, discernindo depois, sob a ironia, uma das facetas da sua poesia romântica e do seu riso consolador ás almas amarguradas que enristeciam-se da sua penetração profunda.

FOLHETIM

Para a vossa história

Rompia a manhã, numa indolência profunda. O frio fazia tiritar as mais tortes e sádias moças do lugar, dêsse agregado da além freguesia, que fôra, em tempos idos, dos romanos palavra irmã, da hoje Terra de Otranto.

Não se ouvia o bramido do ruar, que, longe, quebrava, como que ainda a sacudir a costa dos piratas,⁽¹⁾ mas sim o colorido da juventude a desfilar e o garbo do friso amigo, que, como as andorinhas, por uma manhã de céu azul, limpido e serêno, cadenciadamente seguem o espaço,

E que ironia!!

Velho do seu tempo, homem culto e viajado, educado na réplica da escola doutrinária, de onde a razão riscasse a luz nas almas obscuras e vazias de conceitos, por vezes tinha eclosões que ocasionavam controvérsias, movidas pelo orgulho e pela sua pujança de literato, não mênos rica que os experimentados homens de letras de raça, atraía em mim uma atenção naquela profundidade, que a sua alma de sonhador, sondava como o mareante nas profundas dos abismos das aguas!

—E nós riamos por vezes, para coroar a realeza das suas palavras de puro idealista!

*

Com as suas colectâneas agrupadas em livro, preparára-se para as dar á estampa,—producto de estudos e meditações constantes. E procurou então, de entre os portuguezes, alguém, que o firmasse com seu nome perante a critica.

Expôz-se á presença de Guerra Junqueiro, ao tempo em Lisboa, com os seus originaes. Junqueiro... não só pretextou falta de saude e tempo, como... como se esqueceu de lhe devolver os originaes.

Consuma-se aqui aquêl *capricho* tão original e irritante que domina e despeita os literatos insatisfeitos e indesejáveis, que o pobre trovador teve de rehavê-los novamente numa humilde resignação, rebuscando-os pelas *folhas* publicadas e pelos seus canhenhos incompletos.

Se com lagrimas de saudade, tristeza e dificuldades os recapitulou, mais ainda, com ousadia o fez, pela *desfeita!*

Então a Povoia, homenageou-o no seu *Teatro Garrett*, com uma enchente solene, num espectáculo em sua homenagem,

deixando, no seu ambiente perfumado, fachos de luz.

Um tapete de verdes, dêsse que, ainda há pouco, embelezavam os muros seculares, arrastava-se ao longo do escadaria da casa da Família Saraiva, e, como que cansado, deixava as suas últimas pontas, junto da porta da Capela de Nossa Senhora do Amparo.

O sino deixava, no espaço, aquêl mesmo timbre festivo de quando, em 15 de Julho de 1785, fôra benta a sua ermida.

*

A imagem de Cristo era ben-zida e o estampido dos foguetes eram a concludente prova da alegria, que reinava no lugar em festa.

porque a miséria batêra-lhe á porta em extremo e o seu espirito, tiritando de desânimo, o fez abstrair das maldades do mundo, aconchegando-o mais á sua concepção de pensador, por homem consciente do seu papel,—a imprensa varzinense illustrou-se tambem publicando o seu retrato com as mesma barbas brancas, editando o seu livro uma livraria da terra, com o titulo de «*Calmarias e Tufões.*»

A Camara Municipal, deu-lhe depois um lugar marcado nas suas repartições, como conservador da Biblioteca Publica porque assim o impuzeram á edilidade os seus conhecimentos literários, proclamados pela «*élite*» justiceira.

E eis como passam os homens.

Para mim, ficaram-me registados os seus risos sádios, as suas concepções de puritano,—a sua sombra de miséria—oh! ironia do Destino!—porque nada se conquista na vida com as letras consagradas (!?);—mas no fundo, no fundo de todas estas reminiscências, seu rôsto sorriu-me e sorri sempre na minha frente, numa visão querida, com aquela candura aureolada pelo seu olhar de apóstolo dôce de luz e de carinho, e que punha na Poesia ao serviço de Deus e da Natureza, toda a ternura de um puro sentimento de idealismo e floração panteista.

LT.

O que cada um deve saber

Contra a gripe tem-se experimentado tudo. Por exemplo, na Améric. foi-se até ao ponto de considerar que a manteiga e o queijo tinham uma influencia favoravel sobre a evolução desta molestia, ao passo que a banha de porco; o toucinho, o queijo de ovelha, ou de cabra, assim como outras materias gor-

Gente, em massa, seguia o decorrer da mesma, não escapando aquêles distantes—os além vizinhos do sitio, onde, um dia outro, lá chegara o mar.⁽²⁾

E, no peito forte daqueles a quem o trabalho inobrece e o Sol fortifica, vai-lhe a alegria que se lê no seu semblante.

Ao sentir a beleza punjante da natureza em festa, ouço a mais doce das ovações:—Viva Cristo Rei, Viva Salazar, Viva Portugal.

Sucedem-se os vivas e, na mente de todos, bailam as palavras de alto valor e significado, proferidas pelo Reverendissimo Prior Lima de Miranda, que é, sem dúvida, uma alma marcada pela Providência, para bem ser-

das, como o oleo de figados de bacalhau, não tinham o minimo efeito!

Tornou-se cada vez mais evidente—mesmo nas nossas regiões—que a quinina *impede a gripe*. Um grande numero de médicos demonstraram que o uso regular de pequenas quantidades de quinina, tomadas durante os mezes de gripe, impedia o seu aparecimento, bem como as suas complicações perigosas: inflamação dos pulmões, etc.

Devido a essa regra tão simples, é-se capaz, durante toda a epidemia, de assegurar o seu trabalho o que, em muitos estabelecimentos de pessoal numeroso, como fabricas, guarnições, escolas e grandes armazens, é importantissimo.

Muitos estabelecimentos, escriptorios particulares, repartições officiais ou publicas, tomam esse facto em consideração e distribuem com regularidade quinina em doses diarias de 20 até 30 centigramas durante os periodos de gripe.

O Comunismo internacional e o revirralho nacional

Doutrina corrente da imprensa nacionalista:

A Europa e o Mundo tem vivido nos ultimos dias horas da mais cruciante incerteza. Os perigos que de todos os lados se têm erguido, ameaçando a Paz, pondo em risco aquilo que á custa de tanto sangue e tantos sacrificios foi possivel conquistar, redobram hora a hora, aumentam momento a momento.

Ao mesmo tempo, porém, todos os homens de boa vontade, todos os que não querem que a Civilização sssobre num

vir a Deus.

Iam já adiantadas as 11 horas, quando, na nota mais serêna, tudo debandava, levando, de alegria, ventosos sorrisos.

(1) Segundo notas historicas de Dr. L. F. da Guerra, os habitantes da freguesia de Apúlia, deste concelho, eram, antigamente, obrigados a custear as despesas dum facho que devia conservar-se acêso junto do mar. Esse luzeiro era guardado por homens armados, a fim de afugentar os piratas, ou de lhes dar caça em caso de assalto.

(2) Ainda notas históricas de Dr. F. da Guerras.

Há, na Apúlia, uma lagoa muito interessante que ocupa uma aria de 900 metros e onde vegetam opulentos oleiros, que produzem um fruto inutil conhecido pelo nome de olas.

E' sem dúvida, esta lagoa uma das melhores curiosidades do sitio. A tradição diz que já lá chegou o mar por uma vala conhecida, que os barcos transpunham para receber carga de ouro, extrahido das minas que em tempos mais felizes ali existiram.

embate de ódios e malquerenças, fazem os mais titânicos esforços para evitar a guerra.

Um lado há, porém, donde só palavras de rancôr saem, donde só se ouvem brados maquievélicos de destruição. Esse lado é o lado comunista.

Senão vejamos:

Quando Chamberlain, num esforço supremo para salvar a Paz, para evitar a guerra, vai à Alemanha conferenciar com Hitler, quem é que o insulta, quem é que apupa, crivando-o dos mais fortes, imerecidos e irreverentes protestos? Os comunistas!

Quando Daladier apoia, em nome da França, a atitude do Primeiro Ministro inglês, donde lhe vem a oposição, donde é que lhe chovem os insultos? Dos comunistas!

Quando Hodza, para evitar um conflito mundial, transige e aceita o plano franco-britânico, tendo como boas as reivindicações alemãs, quem é que apupa nas ruas de Praga e por fim consegue derrubá-lo? Os comunistas!

Quem é que envia delegações a Praga para aconselhar os checos a resistir? Os comunistas, sempre os comunistas!

Isto, pelo que diz respeito ao estrangeiro.

Agora vejamos perante o mesmo problema o que se passa em Portugal:

Quem é que acha que o melhor de tudo é que a guerra rebente, porque é melhor fazer quanto antes o que se terá de fazer num dia mais ou menos breve? O revirralho!

Quem foi que também censurou Chamberlain e, consequentemente, Daladier por terem tentado salvar a Paz? O revirralho!

Quem é que armou em amigo da Checoslováquia, como outrora a maçonaria em amiga da Sérvia? O revirralho!

Quem é que aproveita a ocasião para insultar a Alemanha, atribuindo-lhe propósitos que, pelo menos até agora, ainda ninguém viu que tivesse? O revirralho!

Quere dizer: entre o comunismo internacional e o revirralho nacional há a mais completa identidade de vistas.

Tal como aconteceu quanto á guerra de Espanha, comunismo e revirralho pensam pela mesma cabeça, orientam-se pela mesma doutrina.

E depois digam os nossos revirralhistas que é falso que, em Portugal, comunismo e revirralho seja uma e a mesma coisa. Se eles pensam da mesma forma. Se eles, tanto quanto lhes

é possível, agem da mesma maneira.

Que falta, pois, para os igualar completamente?

A MARGEM

Os jornais, em grandes parangonas publicam um telegrama do Rio de Janeiro onde nos dizem que o Governo Federal, atendendo a que no Rio os casamentos são casos raros e «sérios», resolveu lançar um imposto sobre os homens solteiros para que em certo espaço de tempo paguem em benefício dos homens casados que possuam família numerosa.

A medida está muito bem acertada.

Parabens. Mas o que o Governo não contou é que muitos dos simpáticos solteirinhos, ajanotados, chapelho de palha, todos, brejeiros, não tem dinheiro para mandar tocar um cego tanto mais para constituir família ou pagar imposto.

Não está má esta medida do sr. Getúlio.

Deve porém concordar connosco: os mininos querem casar, mas os papais, não vão nisso e palavra de honra que «isto» dum homem se enforçar, parece até uma brincadeira de . . . imposto.

Felizmente se a «postura» fosse aqui aplicada já não nos tocava mas ainda nos queriamos rir destes «papos secos» a pagar imposto por não casar.

Cinema

No proximo sabado, 18, realisa-se na nossa casa de espectáculos, a sessão do grandioso filme—S. Francisco,—com Clark Gable e Janet Mac Donal.

Será desta vez . . .

Calendario

Do sr. Antonio de Sá Pereira, agente da companhia de seguros Victoria, recebemos um mimoso calendario, o que muito agradecemos.

Bom emprego de capital

Optima compra

Facilita-se o pagamento, e, vende barato; o prédio onde muitos anos n'esta vila foi a Ourivesaria Silva.

Ver os anuncios afixados n'este prédio.

Para a ver ir á Casa Loza.

Para tratar, consultar com o solicitador desta vila, snr. Adriano Lima.

O seu proprietario reside em Barcelos.

AUTOMOVEL PEUGEOT.

**Reparado de novo.
Vende-se barato, e
facilita-se o pagamento.**

Informa-se nesta redacção.

PASSA-SE a Casa HAVANEZA

«Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira»

Uma obra da envergadura desta Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira de que agora nos chega o 47.º fasciculo, do mês de Fevereiro, não parecia possível em Portugal em que o meio asfixia, pela pequenez numerica, as mais altas empresas culturais. Pois o que parecia milagre deu-se, e sem qualquer ajuda oficial, pelo esforço corajoso de umas duzias de homens de pensamento e cultura poderosamente galvanizados pelo entusiasmo de uns editores novos e competentes, patriotas antes de mais nada. E a certeza do triumpho vem bem patente em cada fasciculo que sai. E, senão vejamos este que nos chega com a maior pontualidade e esmero na apresentação.

Num rápido relance pelas páginas deste fasciculo, formosamente ilustradas, logo se topam artigos importantes como *Bomba, Bombaim, Bombardeamento, Bombeiros, Condes de Bomfim, Bom Jesus do Monte, Bondade, Bónus, Boro e Boratos, Marquezes de Borba, Borboleta, Bordados, Bordalo Pinheiro (biografias), Borgia, Borgonha (Ducadh), Borracha, Bossa*, e outros muitos, todos muito curiosos, devidos a nomes illustres entre os quais o são, como o Eng. João Segurado, Dr. António Sérgio, Prof. Marquês Guedes, Coronel Américo de Bivar, Dr. Travassos Valdez, Dr. Filomeno Lourenço, Dr. António Maria Godinho, Dr. Claudio Basto, Gomes Monteiro, Prof. Gonçalves Pereira, Prof. Mendes Correia, Gastão Sousa Dias, Prof. Rodrigues Lapa, Dr. Manuel Valadares, Prof. Celestino da Costa, Prof. Luiz de Pina, Prof. João de Vasconcelos, Eng. Miguel de Paiva, Dr. Otero Ferreira, Dr. Zaluar Nunes, etc. etc. São também interessantissimas as duas estampas de arte que este fasciculo inclui entre as suas 96 paginas.

Agora que os editores desta obra instituíram, para os retardatários em assinar a publicação, um sistema original e curioso de vendas por pagamentos suasves com entrega imediata dos

volumes todos completos e encadernados, não há já desculpa para que os portugueses amantes da cultura e patriotas a valer não tenham consigo este grande expoente de vitalidade nacional perante o mundo culto moderno.

Uma obra notável

ANTICIPÓLIS

por Luiz de Oteyza

O mercado livreiro português acaba de ser enriquecido por uma nova edição verdadeiramente fora do lugar: *Anticipólis*, o celeberrimo livro de Luiz de Oteyza, o autor eminente de «O Diabo branco» e «Viva El-Rei», obra em que o ilustre escritor se excede a si proprio tal a magnitude do assunto e a veemência com que é tratado. Cabe á Editorial Enciclopédia, Limitada, de Lisboa, casa que tem lançado a publico tão excelentes edições e que, não o esqueçamos, é editora também da formidável «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», a glória de ter dado a a conhecer em Português, numa tradução nervosa e dinâmica de Guedes de Amorim, tão extraordinária obra de literatura e de combate. Porque «Anticipólis» é uma obra de nervo e de arrojo é o desvendar dos mistérios duma grande civilização moderna, o remexer valente, corajoso, cruel por vezes, de toda a podridão que fermenta sob a capa doirada de uma cidade tipo, conjunto de todas as perfeições materiais, de todas as audacias da invenção humana postas em pratica para gôso físico dos mortais, enquanto, no sedimento moral se dá uma decomposição nauseante que torna a orgulhosa *Anticipólis*, a cidade da antecipação no progresso, uma verdadeira patria do crime. E' este o fulcro da obra magnifica em que sob o aspecto novelesco se não alberga á simples fantasia; só a verdade e a observação fria e serena fornecem a substancia da obra. Por isso ela é formidável e a sua leitura aconselhável a todos pois que, além de um passatempo ameno pelo colorido dos meios pintados e pela novidade do processo de romantisar, constitue uma enorme lição de grande moral universal, um retumbante brado de alarme ás consciencias desprevenidas e ás almas que ignoram o perigo mascarado no gôso físico que se oferece, tentador, aos corpos desejosos de o fruirem.

Anticipólis foi posto já há venda em todo o paiz, sendo distribuido pela Empresa Nacional de Publicidade (Diario de Noticias).

Novo Porto dos Cavalos de Fam no Distrito do Porto

—Cá por Braga, amigo Padre Chaves, pelo visto temos Cavalos de Fam pela prôa.

—Acertou, tomei sobre meus ombros o encargo de fazer bem conhecido o porto natural dos Cavalos de Fam com duas entradas e saídas francas, norte e sul, na profundidade de 9 a 15 braças, considerado pela nossa marinha de guerra excelente refugio para torpedeiros. Como bairrista, e patriota defenderei esta grande verdade através de todos os sacrificios, até á morte.

—Bem está, Padre Chaves; dos fracos não reza a história, para a frente é o caminho!

—O que mais sinto é haverme sacrificado, física e moralmente a bem da região e da nação, ha 30 anos a esta data, e rirem-se de mim metendo-me a ridiculo. Mas, eu desculpo esses ingratos, á imitação de Christo Senhor Nosso=Pai, perdoai-lhes que não sabem o que dizem. Ainda bem que a morte não virá longe; a vista falha, a mão treme ao peso dos anos...

—Quantos conta, Padre Chaves?

—Dous carros.

—E' bastante; descance, não perca tempo com Braga, capital que menos preza os altos interesses do seu distrito e provincia; ainda por explorar convenientemente. Se o Padre anseia levar avante o seu sonho dourado, vire-se para a cidade do Porto, sugerindo-lhe a ideia de incorporar no seu distrito as freguesias Apulia e Fam. Desta maneira, viria o distrito do Porto a confrontar pelo norte, com o rio e foz do Cavado.

—Eu já alimentei sua ideia, não a manifestei por entender que seria uma ideia traiçoeira, contribuir para o desmembramento do meu distrito destas duas freguesias.

—Ideia traiçoeira não, todos temos o direito de chegar a braza para a nossa sardinha, como poderemos; se não podermos chegar por aqui, chegamos por ali; este gesto não fica mal a ninguém.

—De acordo, mas a nota de traidor... Bem sei que Braga lucrava com o novo porto dos Cavalos; um porto com entradas e saídas francas, é a grande alavanca do progresso da região em que está situado.

—E' certo que Braga lucrava, mas o Porto lucrava muito mais; sendo ele a primeira cidade da região do norte convem-lhe um porto de primeira classe para não andar eternamente ás sopas de Lisboa. Todos sabemos, que o Porto vai munir-se a Lisboa do que mais necessita para seu consumo e para vender a outras cidades e vilas do norte. Estas cidades e vilas, por sua vez, vão munir-se no Porto dos generos de primeira necessidade para vender ao publico, mediante pequena percentagem. Ora, levando em conta as despesas de transporte das mercadorias, de Lisboa ao Porto; e as despesas de transporte, do Porto a outras cidades e vilas, com as devidas percentagens; claro, que a vida está mais cara em todo norte, do que no sul, á mingoa do novo porto.

—Não resta duvida alguma; se este porto fosse uma efetividade, a cidade da Virgem importava diretamente do estrangeiro as mercadorias mais urgentes, consignadas ao seu novo porto, com mais economia, do que consignadas ao porto de Lisboa. Quem diz importar, diz exportar; por sequencia, o

novo porto dos Cavalos será um porto comercial de larga importação e exportação; e a cidade do Porto o emporio comercial de todo norte.

E como porto d'abrigo (se a barra é o porto: boa barra bom porto, má barra mau porto) com duas barras francas será o mais concorrido neste cais da Europa de Lisboa a Vigo; e uma das primeiras receitas do Estado Novo. Se este porto d'abrigo fosse uma realidade, não teriamos a lamentar os naufragios dos grandes vapores *Veronese* e *Deister* com perca total; inclusive, a tripulação, o Pilôto da barra e o cão de bordo e o recente naufragio do *Orania*.

—Em resumo: o novo porto dos Cavalos será unico empreendimento que pode suavisar a carestia da vida em todo norte e a crise de trabalho, dia a dia sempre crescente—ou este novo porto, ou a miséria não nos deixa a portal!

—Outra coisa, Padre Chaves; que obras convém realizar-se no antigo porto de Fam para o converter em novo porto?

—Resta, apenas, completar a obra da Natureza com molhes e cais acostaveis na crista das trez pedras alguns metros alem do nivel dagua nas ocasiões de lua. Estes molhes podem ser construidos em pedra sêca, bem travada; pois não estão sujeitos ao embate de furiosas vagas, como estão outros construidos com argamassa, que de nada valeu. As obras do novo porto deviam ser entregues a uma companhia portuguesa, de preferencia a companhias estrangeiras que nos prejudicam.

—Essas obras demandam grande despesa?

—Estão calculadas por tecnicos em 5.000 contos para já; mais tarde, a concorrência do porto dirá as obras a seguir para maior amplitude com os renditos do mesmo porto. Já em 1880 o eximio engenheiro Manoel Afonso Espregueira dizia—dos C. de Fam pode fazer-se num dos primeiros portos conhecidos.

—Que diz dos estudos do fundo e do assoreamento da bacia?

—Os estudos do fundo estão realizados, ve-se que é limpo e não tem rochas a quebrar. A bacia é ampla e não se pode assoriar, se o molhe norte ou da Cernelha for enraizado no cabedelo.

—Estou satisfeito, Padre Chaves; pelo que observo o porto natural dos C. de Fam, antigo porto dos Romanos, é um tesouro perdido no Oceano, que fazia todo o norte feliz!

—Não tenha duvidas; só não vê isto a companhia dos *empatas*.

—Por ultimo, releve-me esta tranqueza: ou os seus escritos dizem a verdade, ou não dizem; se dizem, a imprensa diaria devia reforçalos; se não dizem, devia refutá-los para orientar o ilustre publico acerca da verdade. Assim, é que estava certo.

—Cria, amigo, a imprensa diaria, salvo raras exceções, leva mais em mira os seus proprios interesses, do que os interesses regionais e nacionais.

—Nessa crença já eu estou e muitos mais. Desculpe-me, amigo Padre; quanto ao novo porto dos C. de Fam, no distrito do Porto, conte comigo sempre ao seu lado.

—Muito obrigado!...

Padre Chaves Coupon.

Declaração

Manuel Fernandes Herdeiro, solteiro, maior, lavradôr, da freguesia de Apulia, desta comarca:

Declaro que, tendo corrido boato de terem os Senhores **Candido Pereira Dias Vinha** e **Manuel de Azevedo Arantes**, proprietários, da freguesia de Fontebôa, tambem desta Comarca, sido os autôres do roubo de um pôrco, pertencente a António Martins Branco, da referida freguesia, a verdade é que tal boato, sómente por mera brincadeira e por estar próximo o carnaval, por mim foi lançado, sem que jamais a sério podesse atribuir á responsabilidade dos mesmos senhores visados, tal culpa, sendo como são, pessoas de tôda a probidade e consideradas.

Reconheço em verdade que esta brincadeira foi de mau gôsto e, se soubesse de ante-mão os maus resultados, que daí podiam advir, nunca em tal teria pensado, porquanto as referidas pessoas merecem-me tôda a estima e confiança, sendo incapazes da prática de semelhante proeza.

Para evitar dissabôres e uma má compreensão do meu gesto irrefletido faço esta publica declaração para salvaguarda dos mesmos interessados, que, assim, da mesma poderão fazer uso quando lhes aprouver.

É por ser verdade vou assinar a presente ante o notario, que esta vai reconhecer e duas testemunhas para maior autenticidade.

Esposzende, 10 de Fevereiro de 1939.

A rogo do declarante por me rogar e não saber escrever

José Fernandes de Campos.

Testemunhas:

Manuel d'Apresentação Domingues Mariz.

Manuel Alves da Lage.

Reconheço as três assinaturas supra, feitas e o rogo do declarante Manuel Fernandes Herdeiro dado na minha presença e as testemunhas minhas conhecidas, tendo pelos proprios, cujas identidades certifico.

Esposzende, 10 de Fevereiro de 1939.

O Notário,

Luiz Antonio de Souza e Costa.